

**DO FILME *CIDADE BAIXA*: REFLEXÕES ACERCA DA
CONSTRUÇÃO DE CENÁRIOS MARGINAIS NA CIDADE
DE SALVADOR, BAHIA**

*FROM THE MOVIE CIDADE BAIXA: REFLECTIONS TOWARDS
THE CONSTRUCTION OF MARGINAL SCENARIOS OF THE CITY
OF SALVADOR, BAHIA*

*DU FILM CIDADE BAIXA: RÉFLEXIONS SUR LA
CONSTRUCTION DES SCÉNARIOS MARGINAL DE LA VILLE
DE SALVADOR, BAHIA*

Karina Eugenia Fioravante¹

karina_frr@hotmail.com

Sérgio Ricardo Rogalski²

sergiorogalski@yahoo.com.br

Resumo: Este artigo tem por objetivo tecer algumas reflexões acerca da construção do cenário de marginalidade a partir do filme Cidade Baixa. Para tanto, utilizamos como aporte metodológico o conceito de cenário proposto Gomes (2008). Da mesma forma utilizamos as perspectivas trazidas pela geografia urbana a qual nos possibilita conceber os espaços urbanos a partir de duas dimensões, uma física-material e uma sociocomportamental. Evidenciamos que a construção dos cenários de marginalidade do filme Cidade Baixa se constrói a partir de três elementos essenciais: a prostituição, a criminalidade e o uso de entorpecentes. Concluímos que esses três elementos estão interconectados entre si bem como as práticas comportamentais cotidianas dos personagens envolvidos na trama. Portanto, associadas podem ser analisadas como cenários os quais comportam o exercício das mais diversas práticas, entre elas, as que analisamos nesse artigo.

Palavras-Chave: Cidades, Cenários, Marginalidade, Cinema, Salvador

Abstract: This article aims to make some reflections about the construction of the scenario of marginalization from the movie Cidade Baixa. We used as a methodological approach the concept of scenario proposed by Gomes (2008). Likewise we use the perspectives

1 Discente do Programa de Pós-Graduação em Geografia, Mestrado em Gestão do Território da Universidade Estadual de Ponta Grossa, Paraná.

2 Discente do Programa de Pós-Graduação em Geografia, Mestrado em Gestão do Território da Universidade Estadual de Ponta Grossa, Paraná.

brought by urban geography which allows us to design urban spaces from two dimensions, a physical-material and socio-behavioral. We demonstrated that the construction of scenarios of marginality of the film *Cidade Baixa* is built on three essential elements: prostitution, criminality and drugs use. We conclude that these three elements are interconnected and the behavioral practices of everyday characters involved in the plot. Therefore, associates can be analyzed as scenarios which involve the performance of various practices, among them, which we reviewed in this article.

Keywords: Cities, Scenarios, Marginality, Movies, Salvador

Resumé: Cet article vise à faire quelques réflexions sur la construction du scénario de marginalisation du film *Cidade Baixa*. Nous avons utilisé une approche méthodologique sur le concept de scénario proposé par Gomes (2008). De même, nous utilisons les perspectives apportées par la géographie urbaine qui nous permet de concevoir des espaces urbains à partir de deux dimensions, un matériau physique et socio-comportementaux. Nous avons démontré que la construction de scénarios de la marginalité du film *Cidade Baixa* est construite sur trois éléments essentiels: la prostitution, la criminalité et l'usage de drogues. Nous concluons que ces trois éléments sont reliés entre eux et les pratiques comportementales des personnages de tous les jours impliqués dans le complot. Par conséquent, les associés peuvent être analysés comme des scénarios qui impliquent l'exécution de diverses pratiques, parmi eux, que nous avons passé en revue dans cet article.

Mots-Clé: Villes, Scénarios, Marginalité, Cinema, Salvador

PALAVRAS INICIAIS

Esse artigo tem por objetivo refletir acerca da construção de cenários marginais na cidade de Salvador, Bahia, a partir do filme nacional intitulado *Cidade Baixa* (2005). Nos últimos anos alguns pesquisadores vêm voltando seu olhar para as imagens produzidas pelo cinema, apontando que estas são um interessante viés para análises geográficas. Com as discussões e inovações trazidas pela Nova Geografia Cultural somos capazes de discutir temáticas inéditas e ousadas, tendo como aporte metodologias variadas e coerentes (CLAVAL, 1999). As espacialidades construídas pelas tramas filmicas encontram-se inseridas nesse *hall* de novas temáticas.

Da mesma forma, as cidades, seja pela sua morfologia ou pelas complexas configurações socioespaciais urbanas, há muito aguçam o interesse de inúmeros pesquisadores. Concomitantemente, o cinema, ou se podemos colocar dessa forma, as produções imagéticas construídas pelo cinema são instigantes, na medida em que nos levam a imaginar novas perspectivas e até mesmo metodologias inéditas, para pensarmos e analisarmos os espaços, e, especialmente no caso desse artigo, os espaços urbanos.

Elegemos como foco de nosso interesse para essa reflexão o filme nacional intitulado *Cidade Baixa* (2005). Dois motivos foram imperantes. O primeiro deles está relacionado a pouca visibilidade das produções cinematográficas nacionais perante o público brasileiro. Essas produções são, em várias situações, injustamente negligenciadas pela audiência, a qual

tende a ignorar a qualidade e a relevância social e cultural dos filmes brasileiros, depositando, assim, seu interesse, geralmente, em filmes internacionais de altos orçamentos.

O segundo motivo diz respeito ao enredo do filme e sua intrínseca relação com a espacialidade de alguns locais da cidade de Salvador. O filme retrata, a partir do triângulo amoroso vivido por dois amigos e uma prostituta, o cotidiano socioespacial da Cidade Baixa, ou seja, a área baixa e litorânea da cidade de Salvador. Ao longo da trama, são abordados aspectos como pobreza, drogas, violência e prostituição. Concordamos com Cosgrove (1989) quando o autor afirmou que a Geografia está em toda a parte. Em *Cidade Baixa*, a Geografia, ou se podemos colocar dessa forma, as geografias se exacerbam, a começar pelo título da película.

Novos posicionamentos epistemológicos vêm colocando abaixo ideias consolidadas e limitadoras na Geografia permitindo, assim, que um leque ainda maior de fenômenos e temáticas possam ser discutidos com legitimidade e principalmente, com um caráter essencialmente geográfico. Gomes (2010) propõe que não existe um conceito essencial que possa caracterizar, ou colocando de outra forma, que seja capaz de conferir identidade epistemológica à Geografia. Podemos analisar qualquer fenômeno geograficamente, desde que a ordem espacial, e por este termo, podemos entender, espacialidade, se apresente enquanto elemento central em nossa reflexão.

Utilizaremos como metodologia de análise o conceito de cenário proposto por Gomes (2008). O autor aponta que esse conceito é uma interessante possibilidade explicativa, bem como uma possível interconexão entre a Geografia e o cinema, uma vez que busca revelar o conjunto de figurações espaciais e suas relações com a estrutura narrativa.

Não nos interessamos aqui em discutir especificamente o quanto essa produção fílmica se aproxima da realidade ou qual era a intenção do cineasta. O que evidenciamos é que as imagens produzidas pelo cinema constroem novas realidades e que estas, influenciam em vários momentos nosso imaginário relacionado a determinadas temáticas. Essa é uma das maiores relevâncias de estudos que se remetem às produções fílmicas.

Nosso texto se constrói da seguinte forma. Primeiramente, trazemos algumas discussões que nos serviram como eixo norteador para sistematização de nossas ideias na construção desse artigo. Essas discussões se remetem, principalmente, as cidades e aos espaços urbanos, bem como as múltiplas formas que a geografia encontrou para problematizá-los. Posteriormente, discutimos que as cidades são espaços de exercício das mais variadas práticas sociais, evidenciando, da mesma forma, o quanto o fator espacial está relacionado com a instituição de práticas de marginalidade nos cenários construídos pelo filme *Cidade Baixa*.

A CIDADE, AS IMAGENS E OS CENÁRIOS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Na apresentação de uma de suas obras, Castro, Gomes e Corrêa (1997) nos trazem que a Geografia sempre esteve associada à ideia das explorações. Essas descobertas, anteriormente realizadas principalmente por viajantes e cosmógrafos enfatizavam a aventura de se deparar com o novo, com o desconhecido. A aventura de explorar, de descobrir não cessou, apenas

apresentou uma profunda mudança em seu sentido. Os ‘novos mundos’ da atualidade não são mais representados por terras desconhecidas e locais nunca visitados, mas sim, são extraídos do nosso cotidiano, descobertos a partir de novas formas de olharmos, de concebermos e relacionarmos esses aspectos com novos percursos temáticos.

Para os autores, nossas explorações geográficas atuais se remetem diretamente a ideia de repensar antigos processos de conhecimento para assim conceber novos aspectos, novos posicionamentos e novas abordagens. Ou seja, a aventura da descoberta continua, apenas com diferentes pretensões e instrumentos. Novas temáticas em diferentes contextos são exploradas. O desafio desse artigo é pensar geograficamente imagens, evidenciando, da mesma forma, que o cinema pode se constituir enquanto um rico quadro de referência para análises geográficas, ou, utilizando a ideia dos autores, enquanto um ‘novo mundo’ a ser explorado.

Por sua vez, pode-se afirmar que, possivelmente, um dos espaços que mais tem instigado aos geógrafos são as cidades. Sejam pelas suas características morfológicas, comportamentais ou mesmo ambientais, as cidades se apresentam enquanto um imenso cenário a partir do qual são instituídas as mais diversas práticas cotidianas. Essas relações são múltiplas, plurais, paradoxais. Uma delas é nosso foco de interesse, as práticas cotidianas de marginalidade.

Antes de prosseguirmos, é interessante comentar o uso da palavra marginal no contexto de nossa reflexão. Optamos por essa terminologia não com a intenção de fazer alusão a qualquer tipo de julgamento de valores, mas sim, por ela se opor em sentido a ideia de normatividade, como se pode observar a partir da análise do filme em questão.

A partir da leitura de Gomes (1996), podemos observar a evolução e diferenciação das formas de abordagens e concepções da Geografia científica. Essa disciplina, assim como as demais, teve seus métodos e conceitos desenvolvidos a partir de uma íntima relação com o contexto espacial, social, cultural, econômico e político vigente. Determinadas abordagens foram valorizadas, bem como, diversas noções conceituais e mesmo temáticas foram transformadas e repensadas ao longo dessa trajetória. A noção de cidade, ou se podemos colocar dessa forma, os espaços urbanos foram problematizados a partir de múltiplas perspectivas, as quais apresentavam maior funcionalidade em relação à conjuntura científica imperante.

Sendo assim, é válido discutirmos as principais proposições utilizadas como eixo norteador para construção de nossa reflexão. Essas ideias estão debruçadas principalmente nas noções de espaço urbano, uma vez que suas dinâmicas estão intrinsecamente conectadas às relações espaço – comportamentais. Da mesma forma, a ideia de cenário, a qual confere inteligibilidade, e acima de tudo, geograficidade as nossas considerações, uma vez que se apresenta enquanto uma possibilidade analítica para compreensão dos espaços urbanos.

Durante muito tempo predominou a ideia de que a Geografia deveria realizar longos inventários descritivos de lugares. Entretanto, hoje, cada vez mais os geógrafos vêm chamando para si a responsabilidade de interpretar, de compreender fenômenos (GOMES, 2001). As abordagens acerca dos estudos sobre os espaços urbanos estão moldadas da mesma forma, ou seja, vão mais além à mera descrição morfológica de paisagens, objetivando entender seus significados, defini-lo a partir de suas mais variadas características.

Por sua vez, de acordo com Smith (1996), a Geografia Urbana clássica tem suas raízes

na escola de Chicago do início do século XX. As cidades foram vislumbradas pelos geógrafos devido ao seu papel na transição social, política, econômica e cultural do feudalismo para o industrialismo. Foi atribuído a elas um papel relevante na trajetória do capitalismo, na transição do fordismo para o pós-fordismo, bem como na dinâmica cultural do pós-modernismo (HARVEY, 1992).

Saunders (1981) aponta severas críticas a essa visão que limita a importância e o potencial das cidades para a Geografia. Segundo o autor, o urbano apresenta inúmeras possibilidades investigativas aos geógrafos, não devendo ser compreendido apenas enquanto palcos para transformações econômicas. Ou seja, as potencialidades analíticas dos espaços urbanos superam visões limitadoras, as quais tendem a depositar seu interesse em apenas um aspecto, agindo em detrimento de outros.

Como já afirmamos anteriormente, assim como a ciência geográfica, os estudos urbanos sofreram modificações em suas proposições conceituais e metodológicas. Determinadas abordagens e conceitos foram desprezados e revalorizados mediante a incorporação de novas necessidades explicativas. A Geografia brasileira recebe, especialmente na década de 1970, uma forte influência das ideias dialéticas de Karl Marx (GOMES, 1996).

A Geografia Urbana, da mesma forma, acaba por incorporar em suas análises, até então voltadas a padrões espaciais observados em matrizes (ABREU, 1978), elementos de caráter marxista. É evidenciado o papel das cidades em processos de acumulação de capital, como arenas para a reprodução da força de trabalho, e sua relação com os bens e materiais de consumo. As ideias de Manuel Castells apresentaram um eixo norteador para pesquisadores os quais se apropriaram dessas perspectivas.

Segundo Carlos (1994), um dos maiores avanços nos estudos de Geografia Urbana foi a criação de elementos metodológicos os quais são capazes de compreender os espaços urbanos para além de suas representações formais. De acordo com Abreu (1994, p. 259), é a partir dessa nova perspectiva com orientação epistemológica e metodológica pautada nas correntes críticas da Geografia, “que a pesquisa urbana tem avançado mais na geografia brasileira.”

Consideramos nesse artigo o estudo do espaço urbano como o estudo de uma cidade. Da mesma forma, adotamos a ideia de Gottdiener (1997), no sentido de pensar o urbano enquanto uma produção social, estando intrinsecamente relacionado à vida cotidiana dos sujeitos. Ou seja, é construído pelos sujeitos, interferindo, na mesma medida, na atuação cotidiana desses personagens. As cidades são um produto histórico, resultado de ações acumuladas através do tempo, a partir da perspectiva de Corrêa (2001).

Da mesma forma, levamos em consideração as proposições de Gomes (2001) na medida em que o autor compreende que as cidades são também um fenômeno de origem político espacial. Nas palavras do autor:

(...) a cidade é também, sem dúvida, um fenômeno de origem político – espacial, e a manifestação desse caráter se revela em sua dinâmica territorial. Em outros termos, a ordem espacial da cidade, isto é, sua disposição física unida à sua dinâmica sociocomportamental, são os elementos fundadores da condição urbana. (GOMES, 2001, pp. 15-16)

Pensando em um balanço dos estudos entre as cidades e o urbano, podemos observar três grandes orientações que marcam este campo na Geografia francesa. Os trabalhos de descrição da morfologia urbana sempre estiveram presentes, objetivando a realização de uma tipologia das formas urbanas. A segunda tendência leva em consideração sistemas de aglomerações, ou seja, um conjunto de cidades é concebido como fator urbano. O trabalho de Christaller sobre as localidades centrais é marco dessa abordagem. Por fim, a perspectiva que visa analisar a organização interna das cidades. Esta abordagem, com raízes antigas na ciência geográfica, sofreu fortes influências, da escola de Chicago, do modelo funcionalista e das correntes da economia espacial de cunho neoclássico (GOMES, 2001).

Essas tendências podem ser aplicadas a Geografia Urbana brasileira. Apenas recentemente, os geógrafos vêm abandonando a tentadora sedução de tomar a morfologia como referência absoluta. Observamos que o movimento do pós-modernismo vivenciado pelas ciências colocou em pauta questões que, previamente, eram periféricas ou até mesmo inexistentes. Esse movimento trouxe novas formas de apreensão da realidade (LYOTARD, 1994). Os espaços urbanos são concebidos, então, como plurais, diversos, interconectados com as experiências da existência humana.

Trabalhos como de Cosgrove (1992) e Duncan (1990) vêm apontando que as formas espaciais possuem outras dimensões, bem como, que o comportamento dos atores sociais é fator relevante, re - significando e reconstruindo o espaço. De acordo com Gomes (2001):

A cidade não pode, pois, ser concebida como uma forma que se produz simplesmente pela contiguidade de moradias ou pelo simples adensamento de população; ela é, antes de qualquer coisa, um tipo de associação entre as pessoas, associação esta que é uma forma física e um conteúdo. (...) A cidade é uma forma necessária a um certo gênero de associação humana, e suas mudanças morfológicas são condições para que esta associação se transforme. Assim, uma análise geográfica do espaço urbano deve imperativamente ser nutrida pela disposição locacional dos objetos espaciais confrontados com o comportamento social que aí tem lugar. (GOMES, 2001, pp. 19-20)

É atribuída às experiências cotidianas dos sujeitos envolvidos nas dinâmicas espaciais urbanas uma nova posição nas análises das cidades. A questão sociocomportamental nos espaços é valorizada, diretamente relacionada com uma dimensão física – material. Ou seja, o espaço não é mais visto como apriorístico, mas sim, se constrói a partir de duas categorias, uma física – material – e uma simbólica. Ou seja, produzido pela distribuição das coisas, de fatos, bem como, pelas ações que se orientam em relação a essa distribuição (GOMES, 1997).

Essa concepção está intimamente relacionada com a noção que utilizamos como aporte metodológico para nossa reflexão, o conceito de cenário, uma vez que essa proposição se remete a associação entre os arranjos espaciais e os comportamentos instituídos. Vale à pena citar o autor:

Queremos a partir da palavra cenário reconectar a dimensão física às ações, ou, em outras palavras, queremos associar os arranjos espaciais aos comportamentos, e, a partir daí, poder reinterpretar suas possíveis significações. (GOMES, 2008, p. 200)

Toda e qualquer referência a ordem espacial deve ser considerada, uma vez que são expressivas, ou seja, agregam significado à trama. É dessa forma que concebemos o espaço urbano construído pelo filme *Cidade Baixa*, enfatizando em nossa reflexão, um dos possíveis vieses de análise dessa produção, ou seja, os cenários de marginalidade.

A Geografia tem dedicado limitado interesse pelas questões visuais. Entretanto, Gomes (1996) aponta que as imagens já estiveram presentes, mesmo que de forma periférica, em alguns momentos da evolução da Geografia científica. De acordo com o autor, às imagens se mostraram relevantes em manuais tradicionais da Geografia, uma vez que procuravam veicular uma cosmovisão, bem como, uma composição de imagens das características fisio-nômicas de regiões.

Como aponta Claval (2004), a partir da década de 1970 com a influência de filosofias fenomenológicas e de esforços para repensar epistemologicamente a Geografia a partir de um novo olhar, passa-se a conceber, então, que o mundo percebido não poderia mais ser apreendido enquanto objetivamente dado. É com o afastamento desse ideal positivista que surge uma real possibilidade de diálogo entre a geografia e o cinema (SANTOS, 2007).

Rose (2001) alerta para o fato de que nós, cientistas sociais, necessitamos desenvolver a capacidade de interpretar e compreender imagens, uma vez que elas constituem importantes meios através dos quais a vida cotidiana se desenvolve. As imagens estão presentes em todas as formas de relações sociais, sendo em determinadas situações, utilizadas na substituição de palavras. Entretanto, a autora defende que não devemos esquecer que as linguagens visuais, na qual ela inclui as produções fílmicas, não são inocentes, muito pelo contrário, são construídas mediante uso de várias práticas, tecnologias e conhecimentos.

Para a autora, o desenvolvimento de uma metodologia crítica, ou seja, que leve em consideração a capacidade que as imagens têm em intervir no mundo, é imprescindível. Apresentando vários métodos capazes de dar inteligibilidade a uma imagem, a autora não se posiciona, apenas defende a importância de considerarmos o “agenciamento da imagem”, ou seja, como já dito, sua capacidade de intervir no mundo, considerando as práticas sociais e os efeitos que elas produzem.

É interessante fazer uma pequena pausa nesse momento para afirmar que o olhar que nós, cientistas, temos com relação a um filme é completamente diferente da audiência em geral. Além de nossas ideologias e capital cultural, observamos as imagens, os cenários a partir de um olhar próprio, treinado para análises geográficas. Essa também é uma das grandes contribuições da Geografia.

Vários autores como, Duncan e Ley (1997), Cosgrove e Daniels (1988) e Panofsky (1979) vem nos apontando metodologias de interpretação de produções visuais que vão desde uma iconografia da paisagem até noções de semiologia e aproximações antropológicas com a pertinência social das imagens. Compartilhamos das ideias de Rose (2001) quando a autora nos traz que não existe um método que se sobreponha a outro. Existem sim, metodologias que são mais apropriadas aos estudos de determinadas imagens, sempre levando em consideração o objetivo de pesquisa. Por essas mesmas razões, optamos por utilizar o conceito de cenário proposto por Gomes (2008).

A CIDADE BAIXA: CENÁRIOS DE MARGINALIDADE

Devido a uma falha geológica de aproximadamente 70 metros a cidade de Salvador foi construída em dois planos: a Cidade Alta e a Cidade Baixa. Sua urbanização se iniciou na porção superior, e a partir da construção do Elevador Lacerda, inaugurado em 1873, as duas porções da cidade foram, finalmente, integradas, como podemos observar na figura 01. O filme que elegemos como base de discussões nesse artigo desenvolve sua trama na Cidade Baixa, apresentando dinâmicas socioespaciais intrinsecamente relacionadas com a ideia de marginalidade. Não parece redundante alertar o leitor de que essa é, pois, uma produção ficcional, e que não objetivamos de forma alguma afirmar que as únicas práticas constituintes desse espaço são as construídas pelo filme.

FIGURA 01: O Elevador Lacerda e a Cidade Baixa



FONTE: Filme *Cidade Baixa*

A trama de *Cidade Baixa* é construída a partir de três personagens centrais, os amigos Naldinho e Deco, os quais ganham a vida aplicando golpes e realizando transporte de fretes marítimos. Quando conhecem Karinna, uma prostituta que está a caminho de Salvador, os três vivem um triângulo amoroso. O cotidiano desses personagens é construído mediante a instituição de determinadas práticas, as quais estão intimamente relacionadas com sua vivência socioespacial

Podemos afirmar que existem três aspectos estruturantes nesse filme, ou dizendo de outro modo, três elementos espaciais que são centrais na vivência cotidiana dos personagens. A prostituição, a criminalidade e, por fim, o uso de entorpecentes. É a partir desses três elementos que conferimos inteligibilidade a nossa ideia central nesse artigo, ou seja, os cenários de marginalidade, e da mesma forma, é a partir deles que estaremos realizando nossas análises do filme.

A trama do filme se inicia apresentando uma importante dinâmica socioespacial: a prostituição feminina a partir da vivência socioespacial de uma das personagens principais. A questão da prostituição constitui um dos principais e mais graves desafios sociais brasileiros, estando da mesma forma, relacionado intimamente com as problemáticas de gênero, uma vez que a maior expressividade das práticas de comercialização sexual se dá em determinados grupos de mulheres. Essa questão está representada na figura 02.

FIGURA 02: Prostituição em *Cidade Baixa*



FONTE: Filme *Cidade Baixa*

De acordo com Libório e Castro (2004) observar-se hoje, entre embates políticos e acadêmicos, duas frentes de discussão com relação à problemática da prostituição. A primeira delas, defendida por grupos abolicionistas, defende a profissionalização da prostituição. Para o segundo, a prostituição trata-se de uma pseudo-escolha condicionada por situações de violência e de miséria.

Essa discussão se remete às questões espaciais e de gênero, relacionando-se ao papel da mulher e das práticas sexuais no espaço. Nas palavras de Nabozny (2007),

As situações de prostituição perpassariam a um contexto *societal* ligado às construções das subjetividades, do desejo e das necessidades sexuais destituídas da moral cristã – a qual intercambia sexo e amor. O sentimento legítimo na moral cristã é o amor vivido no espaço privado e associado ao sexo. A vivência sexual sem amor seria inconcebível na esfera pública.

A prostituição tem sido foco de pesquisa no âmbito de diversas áreas, como a Medicina, a Criminologia, Epidemiologia, das Doenças Sexualmente Transmissíveis, Vigilância Sanitária entre outras, como aponta Carvalho (2000). A autora traz que esse fenômeno não pode ser analisado fora do seu contexto, e por essa proposição, podemos conceber as noções de espaço e tempo.

Em uma perspectiva similar, Ribeiro (1997), em um estudo acerca da prostituição no bairro de Copacabana na cidade do Rio de Janeiro, conclui que essa prática é diferenciada espacialmente, ocorrendo mediante a instituição de territorialidades específicas. Ou seja, a autora evidencia a diferenciação entre as dinâmicas de prostituição de rua e fechada.

A primeira delas, segundo a autora, é mais explícita. Ou seja, existe a necessidade de se deixar exposto o que se busca, através da escolha de vestimentas, de comportamento e até mesmo, a partir da opção por determinadas localizações espaciais, como locais reconhecidos como espaços de prostituição. A segunda delas é a que podemos observar no filme *Cidade Baixa*, ou seja, a prostituição instituída em boates, bordéis.

De acordo com Ribeiro (1997) essa forma de prostituição é mascarada, ou seja, não há necessidade de exposição direta dos sujeitos envolvidos nos espaços urbanos, por exemplo. Sua personificação corporal é diferenciada, bem como as formas de interação entre a prostituta e o cliente.

Em *Cidade Baixa* as espacialidades de prostituição estão também relacionadas com a instituição de cenários de consumo de entorpecentes. Em uma das cenas do filme, podemos observar a personagem Karinna fazendo uso de drogas juntamente com um cliente estrangeiro. As dinâmicas espaciais do tráfico de drogas vêm chamando a atenção de alguns geógrafos.

Souza (2000) discute que alguns espaços têm sido identificados como cenários intrinsecamente relacionados com entorpecentes. Esses espaços, geralmente marginalizados e de baixa renda, tem papel central também na dinâmica de manutenção do sistema de varejo do tráfico drogas. Ainda segundo o geógrafo, em seu estudo acerca das práticas espaciais de quadrilhas de traficantes de drogas das favelas da metrópole do Rio de Janeiro, não é rara a associação entre o tráfico de drogas, a criminalidade e a pobreza.

Em outro trabalho, Souza (1996) discute que a problemática do tráfico de drogas se constitui, atualmente, enquanto um dos principais elementos da questão urbana. Discutindo que o tráfico de tóxicos é um fenômeno multiescalar, ou seja, manifesta-se em diversos níveis espaciais, o autor afirma que o Brasil se inscreve no panorama internacional da economia das drogas a partir de várias formas: como país de trânsito, como fornecedor de matérias primas, como produtor e, obviamente, como consumidor. Nas palavras do autor,

O Brasil é, contudo, um país muito heterogêneo, e tanto os tipos de atores sociais envolvidos como as formas de realização do tráfico, o peso relativo dos diferentes tipos de drogas, a importância do mercado local (isto é, subsistema de varejo) e a visibilidade sócio – política do problema apresentam grandes variações regionais. (SOUZA, 1996, p. 432)

No filme podemos observar que o uso de tóxicos está relacionado aos cenários de prostituição, e que essa prática está da mesma forma, relacionada com os comportamentos cotidianos dos personagens envolvidos. Não é rara a associação da prostituição com o tráfico e consumo de drogas. Nabozny (2007) afirma que o uso de drogas é uma prática comum entre as adolescentes exploradas sexualmente na cidade de Ponta Grossa, Paraná. Ainda de acordo com o autor, a exploração sexual comercial está arraigada à circulação do capital e de drogas.

A realidade é plural e composta por heterotopias conforme Corrêa (2005). Os significados que são construídos cotidianamente pelos sujeitos são produtos espaciais e históricos, e confere sentido a existência das pessoas. Práticas marginais, como o uso e tráfico de drogas, como apontado por Souza (2000), são aos poucos naturalizadas, e simplesmente passam a fazer parte do cotidiano.

Nosso terceiro elemento de análise nesse artigo é a questão da criminalidade. No filme *Cidade Baixa*, observamos que as práticas de criminalidade são correntes nos cenários construídos, seja diretamente a partir de práticas de delito, como furtos, por exemplo, ou por meio de ações mais sutis, como o envolvimento com atividades ilegais. Logo no início do filme, os personagens participam de uma rinha de galos, atividade considerada ilegítima. Da mesma forma, ao longo da trama, podemos notar a presença de armas e outros objetos ilegais, como por exemplo, a presença de máquinas caça – níquel, como podemos observar na figura apresentada a seguir.

FIGURA 03: Elementos ilegais nos cenários do filme *Cidade Baixa*



FONTE: Filme *Cidade Baixa*

Como aponta Souza (1998) não é rara a associação da criminalidade com a pobreza. A partir do filme podemos observar que o cenário construído é composto por pessoas de baixa renda. Entretanto, o autor espera esclarecer que a relação entre esses dois fenômenos não pode ser feita de forma simplista e superficial. Nas palavras do autor:

Se a correlação entre pobreza e criminalidade fosse positiva e tão forte assim, as grandes metrópoles da Índia estariam entre as mais violentas do mundo por razões socioeconômicas, o que não é o caso. O filtro ou a mediação da cultura (e da conjuntura política, das instituições etc.) não pode ser subestimado. Uma tal associação entre pobreza e criminalidade, se simplista, pode ser, além de errônea, preconceituosa, por passar a ideia absurda de que só os pobres são criminosos. A

lembança não-simplista de uma conexão entre injustiça social e criminalidade visa, porém, a recordar que as condições materiais, sob determinadas circunstâncias culturais e institucionais, podem atuar como fator de estímulo a estratégias de sobrevivência ilegais, com consequências nefastas para o conjunto da sociedade e para os próprios pobres (riscos altos, ganhos pequenos...). Com isso, crê-se evitar tanto o reducionismo economicista de esquerda quanto os vieses institucionalista e culturalista de certas abordagens sobre a criminalidade. (SOUZA, 1998, p.03)

Misse (1995a) vai mais fundo na discussão entre criminalidade e pobreza, criticando a tese, de autor desconhecido, mas profundamente enraizada no imaginário social, de que a pobreza é a causa da criminalidade e do aumento da violência urbana. Para ele, essa crítica é certa quando traz a tona à questão da perseguição jurídica - política vivida pelas pessoas de classes baixas. Também é válida quando mostra a complexidade que está por traz da questão criminal, e conseqüentemente, que não podemos levar em conta apenas uma variável de análise.

Uma coisa é consenso entre os estudiosos da criminalidade: o crime não é um privilégio de classe (MISSE, 1995b) Ainda, é impossível negar a correlação existente entre certos tipos de crime com determinadas classes sociais. Os chamados 'crimes de pobre', caracterizados por meios mais violentos como roubo, homicídio e lesão corporal entre outros, estigmatizam o indivíduo em proporções muito maiores do que os 'crimes de rico' ou 'de colarinho branco', caracterizados geralmente como estelionato e corrupção.

Nos cenários de criminalidade instituídos no filme podemos observar a dinâmica discutida por Misse (1995a). Como já afirmamos anteriormente, os personagens da trama podem ser caracterizados como sujeitos de baixa renda e suas práticas delituosas estão relacionadas a atividades violentas, como podemos observar na figura abaixo, a qual demonstra uma cena em que um dos personagens comete um assalto utilizando uma arma de fogo.

FIGURA 04: Práticas Criminosas no filme *Cidade Baixa*



FONTE: Filme *Cidade Baixa*

Da mesma forma, é interessante destacar outra dinâmica presente no filme *Cidade Baixa*, a qual vem sendo discutido por alguns profissionais da área da criminologia e das ciências sociais: a associação da prostituição com a criminalidade. Soares e Ilgenfritz (2002) trazem que essa é uma das mais antigas teorias acerca da criminalidade de mulheres, levando em consideração aspectos de gênero relacionadas à sexualidade feminina.

Podemos concluir que os cenários urbanos do filme *Cidade Baixa* são construídos mediante a incorporação desses três elementos analisados anteriormente. Relembrando as proposições de Gomes (2001), o qual nos leva a considerar as cidades não apenas enquanto aglomerações de moradias, mas sim, enquanto uma associação de pessoas e da mesma forma, de suas práticas espaciais cotidianas. Nos cenários do filme, esses três elementos sempre se mostraram presentes, seja de forma explícita ou não. Por sua vez, consideramos que os comportamentos dos personagens estão intrinsecamente relacionados com o arranjo espacial vivenciado por eles, criando portanto, cenários urbanos específicos, marginais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentamos nesse artigo uma análise da construção de cenários de marginalidade a partir do filme *Cidade Baixa*. As cidades são cenários para instituições das mais diversas práticas. São constituídas acima de tudo por sujeitos. Sem estes seria impossível conceber uma cidade. Os três elementos que elencamos para nossa discussão estão, da mesma forma, inseridos de forma ativa na construção dos espaços urbanos.

O urbano nesta perspectiva se revela enquanto forma e conteúdo, ou seja, contempla em sua análise um diálogo permanente e imperativamente entre a morfologia e as práticas sociais. Os sentidos desses espaços são sempre tributários de um universo relacional. É dessa forma que os cenários do filme analisado são concebidos e vivenciados. As práticas espaciais instituídas pela película envolvendo as questões de prostituição, criminalidade e drogas, são pouco discutidas pela Academia, ainda mais quando restringimos nossa busca a bibliografias especificamente geográficas. Neste sentido, esse artigo também é uma tentativa de conferir maior visibilidade acadêmica e política a essas dinâmicas. Alguns leitores podem se questionar como essas práticas podem ser analisadas pela Geografia. Nossa resposta é simples, a partir da ordem espacial.

Concluimos então, nosso artigo a partir de três pontos. O primeiro deles se relaciona aos cenários de prostituição instituídos pelo filme. Observamos que é uma espacialidade com características específicas, sendo da mesma forma vivenciada por sujeitos com comportamentos singulares. A prostituição se apresenta hoje de forma muito explícita nos espaços urbanos, uma vez que suas práticas estão relacionadas a apropriação territorial de determinados locais. Podemos concluir, da mesma forma, que em *Cidade Baixa* essa prática é evidenciada como sendo marginal e também como estando intrinsecamente relacionada a outros tipos de comportamento.

Essa consideração nos leva a discutir nosso segundo ponto de análise, ou seja, a questão da criminalidade. Os autores que nos embasaram em nossas proposições apontam que as discussões criminológicas vêm cometendo alguns descuidos teóricos defendendo teorias que

não mais dão conta de explicar determinados fenômenos. A associação simplista entre criminalidade e pobreza é a mais comum delas. Entretanto, no filme observamos que existem outros elementos que devem ser ignorados, uma vez que ao longo da trama concluímos que o personagem Naldinho faz sua escolha pelo mundo criminal não somente devido a sua condição de pobreza, mas também como investida para conquista da prostituta.

Nosso terceiro e último ponto de análise está relacionada à representação do uso de drogas nos cenários do filme. Essas três práticas estão intimamente relacionadas e interconectadas entre si, nos conferindo assim, um panorama geral dos cenários de marginalidade construídos por *Cidade Baixa*.

O filme *Cidade Baixa* nos mostra todos esses elementos de subversão da norma social, ou seja, o espaço urbano é construído pelo plural. Prostitutas, criminosos, empresários, estudantes, esportistas, religiosos, acadêmicos, gays, idosos, políticos, eruditos, militantes, crianças, entre outros. Todos esses sujeitos participam de forma ativa nas cidades, construindo e desconstruindo cenários urbanos cotidianamente, estando da mesma forma, conectados entre si.

REFERÊNCIAS

ABREU, Maurício de Almeida. Políticas Públicas e Estrutura Interna das Cidades: Uma Abordagem Preliminar. In: **Anais do 3º Encontro Nacional de Geógrafos** (Sessões Dirigidas). Fortaleza: AGB, 1978, pp. 13-21.

_____. O Estudo Geográfico da Cidade no Brasil: Evolução e Avaliação. In: **Os caminhos da Reflexão sobre a Cidade e o Urbano**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994, pp. 199-322.

CARLOS, Ana Fani. Repensar a Geografia Urbana Brasileira: O Balanço de um Simpósio. In: **Os caminhos da Reflexão sobre a Cidade e o Urbano**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994, pp. 9-15.

CARVALHO, Silvia. **As virtudes do pecado: narrativas de mulheres a “fazer a vida no centro da cidade”**. Fundação Oswaldo Cruz, 2000. 89 p., Dissertação de Mestrado, Escola Nacional da Saúde Pública.

CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. (Orgs) *Explorações Geográficas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

CLAVAL, Paul. A Geografia Cultural: o estado da arte. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs). **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999, pp. 59-94.

CLAVAL, Paul (2004): A Paisagem dos Geógrafos. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). *Paisagens, Textos e Identidade*. Rio de Janeiro: Ed UERJ.

CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço: um conceito chave da Geografia. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. (Orgs). *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

_____. **O Espaço Urbano**. São Paulo: Editora Ática, 2001.

_____. Entrevista com o Prof. Dr. Roberto Lobato Corrêa. In: **Revista Discente Expressões Geográficas**. Florianópolis, n. 01, pp. 01-14, 2005.

COSGROVE, Dennis. Geography is everywhere: culture and symbolism in human geography. In: GREGORY, David; WALDORF, R. (Orgs). **Horizons in Human Geography**. Londres: MacMilan, 1989.

_____. **The palladian landscape: environmental transformations and its cultural representations and renaissance Italy**. Leicester: Leicester University Press, 1992.

COSGROVE, Denis; DANIELS, Stephen. *The iconography of landscape: essays on the symbolic representation, designs, and use of past environments*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

DUNCAN, James. **The city as text: The polite of landscape representation**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

DUNCAN, James; LEY, David. *Place, Culture, Representation*. London: Routledge, 1997.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. **Geografia e Modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

_____. Geografia fin-de-siècle: o discurso sobre a ordem espacial do mundo e o fim das ilusões. In: GOMES, Paulo Cesar da Costa; CASTRO, Iná Elias de; CORRÊA, Roberto Lobato. (Orgs) **Explorações Geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

_____. **A condição urbana: ensaios de geopolítica da cidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

_____. Cenários para a geografia: sobre a espacialidade das imagens e suas significações. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. (Orgs) **Espaço e Cultura: Pluralidade Temática**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

_____. Um lugar para a geografia: contra o simples, o banal e o doutrinário. In: FIORAVANTE, Karina; PEREIRA, Renato; ROGALSKI, Sérgio Ricardo. (Orgs) **Geografia e Epistemologia: ciência viva e dinâmica, aberta e plural**. Ponta Grossa: UEPG, 2010.

GOTTDIENER, Mark. **A produção social do espaço urbano**. 2ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997.

HARVEY, David. **Condição pós – moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo : Edições Loyola, 1992.

LIBÓRIO, R.M.C. Adolescentes em situação de prostituição: uma análise sobre a exploração sexual comercial na sociedade contemporânea. In: **Revista Psicologia e Reflexão Crítica**. Porto Alegre: UFRGS, v. 18 (3), pp. 413 – 420, 2004.

LYOTARD, Jean François. **La condición posmoderna**. Madri: Ediciones de Munuir, 1994.

MISSE, Michel "Crime e pobreza: velhos enfoques, novos problemas". In: Villas Boas, G; Gonçalves, M.A. (orgs.). **O Brasil na virada do século**. Rio de Janeiro, Ed. Relume Dumará, 1995a.

_____. Cinco teses equivocadas sobre a criminalidade urbana no Brasil. Uma abordagem crítica acompanhada de sugestões para uma agenda de pesquisas. Núcleo de Estudos da Cidadania, conflito e violência urbana. NECVU. 1995b. disponível em <<http://www.necvu.ifcs.ufrj.br/arquivos/cinco%20Teses%20Equivocadas%20sobre%20a%20Criminalidade%20Urbana%20no%20Bra%E2%80%A6.pdf>>. Acesso em: 12/01/2010

NABOZNY, Almir. **A complexidade espacial da exploração sexual comercial infanto – juvenil feminina: entre táticas e estratégias de (in) visibilidade**. Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2008, 188p., Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Geografia – Mestrado em Gestão do Território.

PANOFSKY, Erwin. *Significado das artes visuais*. São Paulo: Perspectiva, 1979.

RIBEIRO, M. A. C. Prostituição de rua e território em Copacabana – A avenida Atlântica e a procura de prazer. In: **Revista Território**. Rio de Janeiro: Garamond. Ano II, n. 03, p. 87-99, Jul/Dez, 1997.

ROSE, Gillian. **Visual Methodologies. An introduction to the interpretation of visual materials**. Trowbridge: Cromwell Press, 2001.

SANTOS, Alice Nataraja Garcia. **Espaço Público, Imagem da Cidade. Uma análise geográfica do filme de Eric Rohmer (“O Signo do Leão”, França, 1959).** Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2007, 165 p., Dissertação de Mestrado, Programa de Pós Graduação em Geografia.

SAUNDERS, Phillip. **Social Theory and the urban question.** Londres: Hutchinson, 1986.

SMITH, Susan J. Geografia urbana em um mundo em mutação. In: GREGORY, Derek; MARTIN, Ron; SMITH, Grahah. **Geografia Humana. Sociedade, Espaço e Ciência Social.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

SOARES, Bárbara Musumeci; ILGENFRITZ, Iara. **Prisioneiras: vida e violência atrás das grades.** Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

SOUZA, Marcelo Lopes de. As drogas e a “questão urbana” no Brasil. A dinâmica sócio – espacial nas cidades brasileiras sob a influência do tráfico de tóxicos. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.) **Brasil. Questões atuais de reorganização do território.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

_____. **Tráfico de drogas e fragmentação do tecido sociopolítico-espacial no Rio de Janeiro.** Trabalho apresentado no XXII Encontro Anual da ANPOCS - Caxambu, MG, 27 a 31 de outubro, 1998.

_____. **Desafio Metropolitano. Um estudo sobre a problemática sócio-espacial nas metrópoles brasileiras.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.